

Aparição

Guy de Maupassant

Falava-se de sequestro a propósito de um processo recente. Era no fim de uma reunião íntima, à rua Grenelle, numa antiga mansão, e cada um tinha uma história para contar, um caso que afirmavam ser autêntico.

Então, o velho marquês de la Tour-Samuel, com oitenta e dois anos de idade, levantou-se e foi encostar-se à lareira. Falou com sua voz um pouco trêmula:

– Eu também conheço um fato estranho, tão estranho que foi a obsessão da minha vida. Já decorreram cinquenta e seis anos desde que me aconteceu esta aventura e não se passa um mês sem que a reviva em sonho. Ficou-me daquele dia uma marca, uma cicatriz do medo, compreendem? Sim, durante dez minutos fui vítima de um horrível pavor, e daí por diante uma espécie de terror permanente ficou na minha alma. Qualquer ruído inesperado me faz estremecer até o fundo do coração; e sinto uma vontade louca de fugir dos objetos que não distingo bem à noite. Enfim, a noite me dá medo.

Oh! Não teria feito semelhante confissão antes de ter atingido a idade que tenho. Agora posso dizer tudo. É permitido não ser corajoso diante dos perigos imaginários quando se tem oitenta e dois anos. Diante de perigos reais nunca recuei, minhas senhoras.

Esta história deixou-me tão perturbado, de uma forma tão profunda, misteriosa e terrível, que nunca ousei contá-la. Guardei-a no meu fundo mais íntimo, nesse fundo onde ocultamos os segredos dolorosos, os segredos vergonhosos, as fraquezas inconfessáveis que acompanham a nossa vida.

Vou contar-lhes a aventura tal como se passou, sem procurar explicá-la. É certo que pode ser explicada, a menos que eu tenha tido a minha hora de loucura. Mas não, não estive louco, e vou prová-lo. Podem imaginar o que quiserem. Eis os fatos puros e simples.

Foi em 1827, no mês de julho. Encontrava-me em Rouen, aquartelado.

Um dia, quando passeava pelo cais, deparei com um homem que acreditei reconhecer, sem me lembrar exatamente quem era. Instintivamente, fiz um movimento para deter-me. O estranho percebeu esse gesto, olhou-me e caiu-me nos braços.

Era um amigo de mocidade de quem muito gostara. Havia cinco anos que não o via e parecia ter envelhecido meio século. Tinha os cabelos completamente brancos; e andava curvado como se estivesse exausto. Compreendeu a minha surpresa e falou-me de sua vida. Uma terrível desgraça o atingira.

Apaixonara-se perdidamente por uma moça e desposara-a numa espécie de êxtase de felicidade. Depois de um ano de uma felicidade sobre-humana e de uma paixão insaciável, ela morrera repentinamente de uma doença de coração, vítima do próprio amor, sem

dúvida.

Ele deixara o castelo no próprio dia do enterro e viera morar no seu solar de Rouen. Aí vivia, solitário e desesperado, corroído pela dor, tão infeliz que só pensava no suicídio.

“Já que o encontrei” – ele me disse – “vou pedir-lhe que me preste um grande favor: ir buscar na minha casa, na secretária do meu quarto, do nosso quarto, alguns papéis de que tenho necessidade urgente. Não posso encarregar desta tarefa um subalterno ou um homem de negócios, pois faço questão de uma discrição impenetrável e de um silêncio absoluto. Quanto a mim, por nada deste mundo voltaria a entrar naquela casa.

“Dar-lhe-ei a chave do quarto que eu mesmo fechei antes de partir e a chave da minha secretária. Além disso, você entregará um bilhete meu ao jardineiro, que lhe abrirá a porta do castelo.

“Venha almoçar comigo amanhã e conversaremos sobre o assunto.”

Prometi prestar-lhe esse pequeno favor. Aliás, não passaria de um passeio para mim, já que a sua propriedade ficava a cerca de cinco léguas de Rouen. Levaria uma hora a cavalo.

No dia seguinte, às dez horas, estava em sua casa. Almoçamos a sós, mas ele não pronunciou vinte palavras. Pediu-me que o desculpasse: a ideia da visita que eu faria ao quarto onde jazia a sua felicidade transtornava-o, explicou-me. Com efeito, pareceu-me singularmente agitado, preocupado, como se um misterioso combate se travasse em sua alma.

Finalmente, explicou-me o que eu devia fazer. Era muito simples. Devia retirar dois maços de cartas e um rolo de papéis da primeira gaveta do móvel do qual tinha a chave. Acrescentou:

“Não preciso pedir-lhe que não os leia.”

Senti-me quase ofendido com estas palavras e dei-lhe a perceber um tanto vivamente. Ele balbuciou:

“Perdoe-me, sofro demais.”

E começou a chorar.

Era uma hora quando o deixei para executar a minha missão.

Fazia um tempo magnífico, e eu ia a galope através das planícies, ouvindo o canto das cotovias e o ruído ritmado do sabre batendo contra a minha bota.

Depois entrei na floresta e obriguei o cavalo a seguir a passo. Ramos de árvores acariciavam-me o rosto; e, às vezes, eu apanhava uma folha com os dentes e mastigava-a avidamente, numa dessas alegrias de viver que nos invadem sem se saber por que, numa felicidade tumultuosa e como que indefinível, numa espécie de embriaguez de energia.

Ao aproximar-me do castelo, procurei no bolso a carta que trazia para o jardineiro e percebi com espanto que estava lacrada. Fiquei tão surpreso e irritado que quase voltei sem ter cumprido a minha missão. Depois pensei que assim daria mostra de uma

suscetibilidade de mau gosto. Além disso, perturbado como estava, meu amigo poderia ter fechado o bilhete sem reparar.

A mansão parecia estar abandonada havia vinte anos. O portão de madeira, aberto e apodrecido, permanecia de pé não se sabe como. A erva cobria as aleias; não se distinguiam mais os canteiros dos relvados.

Com o barulho que fiz dando pontapés numa janela, um velho saiu de uma porta lateral e pareceu estupefato ao ver-me. Saltei do cavalo e entreguei-lhe a carta. Ele a leu, releu, virou, examinou-me por cima do papel, enfiou-o no bolso e perguntou:

“Pois bem! O que deseja?”

Respondi bruscamente:

“Você deve saber, pois acaba de receber as ordens de seu patrão; quero entrar no castelo.”

Ele parecia aterrado. Insistiu:

“Então, o senhor pretende ir... ao quarto dela?”

Começava a impacientar-me:

“Ora essa! Está querendo me interrogar, por acaso?”

Ele balbuciou:

“Não... senhor... mas é que... é que não foi aberto desde... desde a... morte. Se fizer o favor de esperar cinco minutos, vou... vou ver se...”

Interrompi-o, irritado:

“Ah! Vejamos, está zombando de mim? Não pode entrar lá, porque a chave está comigo.”

Ele não sabia mais o que dizer.

“Nesse caso, vou mostrar-lhe o caminho.”

“Mostre-me a escada e deixe-me. Eu o encontrarei muito bem sem você.”

“Mas... senhor... contudo...”

Dessa vez perdi completamente a paciência.

“Agora cale-se, está bem? Ou vai se entender comigo.”

Afastei-o com violência e entrei na casa.

Primeiro atravessei a cozinha, depois duas pequenas peças onde moravam aquele homem e sua mulher. Em seguida, transpus um grande vestíbulo, subi a escada e reconheci a porta que o meu amigo me indicara.

Abri-a sem dificuldade e entrei.

O aposento estava tão escuro que a princípio não consegui distinguir nada. Detive-me impressionado por aquele insípido cheiro de mofo das peças desabitadas e condenadas,

dos quartos mortos. Depois, pouco a pouco, meus olhos habituaram-se à obscuridade e vi com bastante nitidez uma grande peça em desordem, com uma cama sem lençóis, mas que conservava o colchão e os travesseiros, um dos quais tinha a marca profunda de um cotovelo ou de uma cabeça, como se alguém tivesse acabado de se apoiar aí.

As cadeiras pareciam estar fora do lugar. Reparei que uma porta, a porta de um armário sem dúvida, ficara entreaberta.

Em primeiro lugar, dirigi-me à janela para fazer entrar um pouco de luz no quarto e abri-a; mas os ferrolhos do guarda-vento estavam tão enferrujados que não consegui fazê-los ceder.

Tentei até quebrá-los com o sabre, mas não consegui. Irritado com a inutilidade dos meus esforços, e como afinal meus olhos estivessem perfeitamente habituados à sombra, desisti de enxergar melhor e dirigi-me à secretária.

Sentei-me numa poltrona, baixei a tampa, abri a gaveta indicada. Estava cheia até as bordas. Só precisava de três pacotes que sabia como reconhecer, e comecei a procurá-los.

Arregalava os olhos, decifrando os sobrescritos, quando julguei ouvir, ou melhor, sentir um leve roçar atrás de mim. Não lhe dei atenção, imaginando que uma corrente de ar agitara algum tecido. Porém, um minuto depois, outro movimento, quase imperceptível, fez passar pela minha pele um pequeno arrepio singular e desagradável. Sentir-me emocionado, por pouco que fosse, pareceu-me tão idiota que não quis me virar, por pudor. Acabava de encontrar o segundo maço de papéis que viera buscar; e justamente deparava com o terceiro, quando um grande e doloroso suspiro, soltado junto ao meu ombro, fez-me dar um salto louco de dois metros. Com o impulso me volvei, a mão no punho do sabre; é provável, porém, que, se não o tivesse sentido junto ao corpo, teria fugido como um covarde.

De pé, atrás da poltrona em que me sentara um minuto antes, fitava-me uma mulher alta, vestida de branco.

Senti um tal tremor nos membros que quase caí de costas! Oh! Ninguém pode compreender, a menos que o tenha sentido, esse pavor estúpido e terrível. A alma funde-se; não sentimos mais o coração bater, todo o corpo se torna mole como uma esponja; parece que todo o nosso interior desmorona.

Não acredito em fantasmas; pois bem! Desfaleci, esmagado pelo hediondo medo dos mortos, e sofri! Oh! Sofri em alguns instantes mais do que em todo o resto da minha vida, vítima da angústia irresistível dos terrores sobrenaturais.

Se ela não falasse, talvez eu tivesse morrido! Mas ela falou; falou com uma voz doce e dolorosa que fazia vibrar os nervos. Não ousaria dizer que voltei a ficar senhor de mim mesmo e que recobrei a razão. Não. Estava tão desvairado que não sabia mais o que fazia; mas essa espécie de orgulho íntimo que tenho em mim, e um pouco de orgulho profissional também, levavam-me a conservar, à força, uma atitude honrosa. Fiz pose para mim e também para ela, sem dúvida, fosse quem fosse, mulher ou espectro. Só mais tarde compreendi isso, pois no momento da aparição não pensava em mais nada, asseguro-lhes.

Tinha medo.

Ela disse:

“Oh! O senhor pode fazer-me um grande favor?”

Tentei responder, mas não consegui articular uma única palavra. Um ruído vago saiu da minha garganta.

Ela prosseguiu:

“Consente? O senhor pode salvar-me, curar-me. Sofro terrivelmente. Sofro, oh! Como sofro!”

Sentou-se suavemente na minha poltrona. Olhava-me:

“Consente?”

Respondi “Sim!” com a cabeça, pois a voz continuava paralisada.

Então, ela me estendeu um pente de tartaruga e murmurou:

“Penteie-me; oh! Penteie-me; isso me curará; preciso que me penteiem. Veja a minha cabeça... Como sofro! E como meus cabelos me machucam!”

Seus cabelos soltos, que me pareciam muito compridos e negros, escorriam pelo espaldar da poltrona e tocavam o chão.

Por que fiz aquilo? Por que recebi, trêmulo, aquele pente e por que segurei seus longos cabelos que me deixaram na pele uma atroz sensação de frio, como se lidasse com serpentes? De nada sei.

A sensação permaneceu em meus dedos e estremeço só em pensar.

Penteava-a. Manuseava não sei como aquela cabeleira de gelo. Torci-a, prendi-a e soltei-a; trançei-a como se trança a crina de um cavalo. Ela suspirava, inclinava a cabeça, parecia feliz.

De súbito disse-me: “Obrigada!”, arrancou-me o pente das mãos e fugiu pela porta que me parecera entreaberta.

Ficando só, senti durante alguns segundos aquele sobressalto alucinado do despertar após um pesadelo. Depois me recuperei; corri à janela e quebrei os guarda-ventos com um furioso empurrão.

Um jorro de luz penetrou no quarto. Corri para a porta por onde esse ser tinha saído. Encontrei-a fechada e inabalável.

Então, um desejo febril de fugir me invadiu, um pânico, o verdadeiro pânico das batalhas. Apanhei rapidamente na secretária aberta os três maços de cartas; atravessei o aposento correndo, desci os degraus da escada de quatro em quatro, encontrei-me lá fora não sei como e, avistando meu cavalo a dez passos de distância, montei-o com um salto e parti a galope.

Só parei em Rouen, diante do meu alojamento. Atirei as rédeas à minha ordenança e

fui direto ao meu quarto, onde me tranquei para refletir.

E, durante uma hora, perguntei ansiosamente a mim mesmo se não fora vítima de uma alucinação. Sem dúvida, sofrera um desses inexplicáveis abalos nervosos, uma dessas perturbações mentais que dão origem aos milagres e aos quais o Sobrenatural deve o seu poder.

Sentia-me inclinado a acreditar numa visão, numa ilusão dos sentidos, quando me aproximei da janela. Meus olhos, por acaso, desceram até o meu peito. Meu dólma estava cheio de longos cabelos de mulher que se tinham enrolado nos botões.

Tirei-os um a um e joguei-os fora com os dedos trêmulos.

Depois chamei a minha ordenança. Estava muito emocionado, muito perturbado para procurar meu amigo naquele mesmo dia. E, além disso, queria refletir maduramente sobre o que deveria dizer-lhe.

Mandei o soldado levar-lhe as cartas e ele lhe entregou um recibo. Perguntou muito por mim. Disseram-lhe que eu estava doente, que sofrera um ataque de insolação ou coisa parecida. Mostrou-se apreensivo.

Fui visitá-lo no dia seguinte, de manhã bem cedo, resolvido a contar-lhe a verdade. Saíra na véspera à noite e não regressara.

Voltei durante o dia, ninguém o tornara a ver. Esperei uma semana. Não reapareceu. Então avisei a polícia. Procuraram-no por toda a parte, sem descobrirem o menor traço da sua passagem ou do seu refúgio.

Uma revista minuciosa foi feita no castelo abandonado. Nada de suspeito foi descoberto.

Nenhum vestígio revelou que uma mulher tivesse sido escondida no seu interior.

Como a investigação não levou a nada, as buscas foram interrompidas.

E, durante cinquenta e seis anos, de nada soube. De nada mais sei.

(4 de abril de 1883)